

SINGULARÍSSIMA PESSOA, SINGULARÍSSIMA POESIA

Joel Cardoso*
joelcardosos@uol.com.br

Da precariedade e intraduzibilidade das palavras...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!
Cecília Meireles

Ser poeta é revelar-se a si mesmo e à sua época, é ter o que dizer a ela. É, assumida ou veladamente, ser arauto das suas verdades interiores. É ser verdadeiro ou fingidor como queria Pessoa.

Ser poeta ver, apreender, apreender e transformar o banal, o cotidiano em pérola rara, alguma coisa inovadora, inusitada, como se, só agora, através da apresentação do discurso poético, estivéssemos descobrindo, maravilhados, esse banal, esse cotidiano. Se ser poeta é, por um lado, poder abusar da simplicidade, é, também, por outro lado, ser sofisticado, único, original. Como senhor absoluto, se servir das palavras e fazer delas servas a serviço da expressividade no discurso que se quer transmitir.

Engana-se quem pensa que as palavras, estáticas, mortas, jazem sempre em estado de dicionário. Elas se rebelam e, quando nos valem delas, no calor do discurso, acabam, numa inversão de papéis, por nos levar de roldão. As palavras, de humildes serviçais, se convertem em tiranas e, na sua soberania, intransigentes, não admitem réplicas, não fazem concessões, e nos seviciam, nos induzem, nos compelem, nos convencem. E nós, numa inconsciência venturosa, numa quase impotência, deixamo-nos seduzir pelo poder, pela magia de que as palavras vêm impregnadas. Seduzidos, deixamo-nos conduzir. Déspotas camaleônicas, as palavras, mesmo as mais comuns, em sendo apreendidas pelo deslumbramento poético - sim, porque é um

* Professor associado da Escola de Cinema da UFPA, vinculado ao Instituto de Ciências da Arte. Doutor em Literatura Brasileira e Intersemiótica. Mestre e Teoria da Literatura.

deslumbramento! -, mudam de cor, adquirem novas feições, tornam-se estranhas armadilhas, irreconhecíveis ou reveladoras, por vezes perigosas. E então, não há como nem por que resistir.

Ah, as palavras!... Quem dera que pudéssemos domá-las!...

Poeta é quem consegue, numa visão particular, criar, no afã da expressão, numa cosmo-visão particular, um modo todo seu, todo especial, de organizá-las, quase sempre, temperadas pelo sabor da emoção e, muito mais raramente, filtradas pela racionalidade. Como num ato de amor, amaciá-las ao no deleite da entrega total e só assim realizar-se, ainda que provisoriamente.

Ao poeta todas as palavras interessam. Ao poeta nada é estranho. Tudo lhe convém. Tudo lhe é permitido. Captando na sonoridade dos vocábulos as nuances tonais da música, a poesia não abdica do ritmo, da melodia, da harmonia, qualidades essenciais, sem as quais nem a música nem a poesia existem.

Ser poeta é inventar novos ritmos, novas cadências sincopadas no manejo dos versos. É, com o poder do ver, não resistir às insinuações melódicas das palavras, que, como vozes num coral, podem se entrelaçar formando um tecido harmônico. Ser poeta é transformar, no mundo de que fazemos parte, esquizofrenia, violência, angústias, prazeres, sofrimentos, em verbo, verbo vivo, pulsante, inovador, libertário.

As palavras velam e desvelam. Mas, mesmo quando velam, inconsciente e sub-repticiamente, nos revelam; e, paradoxalmente, quando, através delas, procuramos nos ocultar, elas, num jogo sagaz que, por mais que nos esforcemos, foge ao nosso controle, nos expõem, nos mostrando, nos desnudando.

Tudo cabe no universo da poesia: desde as paixões triviais e mal resolvidas, à plenitude dos amores consumados; desde as trivialidades das *pedras do caminho*, até as herméticas especulações ortodoxas e metafísicas.

As palavras - em seus múltiplos desdobramentos - povoaram, estranha e plurissignificativamente, o universo de Augusto dos Anjos, fazendo da sua angústia existencial, da assunção das próprias neuroses, a essência de seu fazer poético.

Ah, as palavras!... (Já se extasiava Cecília!...)

Apontamentos para uma revisão contextual...

Augusto dos Anjos,
entre demônios e arcanjos,
feliz desarranjo...

Os versos do poeta, inseridos em um conturbado contexto que antecede à Semana de Arte Moderna, representam um sincretismo inusitado. Sua obra sintetiza, em termos de estilo, em apreensão ideológica, tudo o que o precede. Da obra emergem, por exemplo, não só os ecos formais rígidas atreladas ao rebuscamento parnasiano, como as sugestões metaforizadas e etéreas do Simbolismo. Presentes, também, as tendências ora naturalistas, ora realistas, moduladas pelo pêndulo da ciência, sem negligenciar as preocupações sociais, as neuroses coletivas, mas, sobretudo, pondo em cena um universo particular, povoado de neuroses, de fantasmas íntimos, aprisionados em sótãos que só o discurso poético permitia visitar e exorcizar.

Indo mais além, encontramos, também, na obra de AA, ressaibos de um Romantismo que, em meio à contundência da linguagem, enveredando pelo confessional, se mostram liricamente, amenizando, aqui e ali, a contundência de um discurso absolutamente original, provocando estranhamento à sua época. É possível, ainda, perceber, quase barrocamemente, um ser em que as contradições, as teses e anti teses, os paradoxos pontuam a vida, transformando o discurso grandiloquente e pessimista em hipérboles metafóricas.

A métrica rígida, oscilando entre os versos decassílabos (mais comuns) e os alexandrinos (mais raros), não descuidava da cadência musical, criando ritmos variados e, não raro, estranhos aos ouvidos acostumados à placidez parnasiana. À musicalidade dos vocábulos, flertando com as sugestões do Simbolismo, alinham-se as aliterações e assonâncias, dispostas em rimas - algumas inusitadas, preciosas -, que, por sua vez, se alinhavam na incorporação de uma realidade em que o esdrúxulo, o inusitado, o científico conferem o tom maior.

Quem quer que se debruce no livro *Eu*, nota, de imediato, a plasticidade evidenciada por um rigor formal, por uma esmerada técnica empregada no fazer poético. Em AA a motivação poética pode até ser trivial; a forma de expressá-la, jamais. Fruto das contradições de uma época marcadas por tendências filosóficas

dísparos, o espírito científico precisava se amoldar às contradições sociais. O poeta revela-se pessimista em relação a si mesmo, ao espelho em que se mira, ao cosmo que o abarca.

A apreensão desse universo que prioriza o pessimismo, expresso na sua obra em um requintado vocabulário técnico-científico-poético, se revela ora subjetiva, ora objetivamente. Por conta desse pessimismo, por conta do inusitado da forma, por conta da visão científica, *Eu*, como não poderia deixar de ser angariou incontestemente e justificadamente a popularidade. Se a originalidade dos versos do poeta por si só não justificasse a ampla aceitação que a obra de AA conquistou, sua popularidade se justificaria plenamente pela afinidade incontestemente com uma onda de insegurança, de instabilidade, que marcou o início do século XX. A obra do poeta, ao ostentar uma radical resistência aos modismos, se justifica, por incorporar a onda de pessimismo que pontuou e continua a pontuar a vida moderna. Sua obra transformou-se no hino dos infelizes, ponto de convergência para os excluídos, para os azarados, para os que, de alguma forma, se sentem marginalizados e malditos.

Inimitável, continua sendo o poeta de uma originalidade ímpar, jamais vista em qualquer outro poeta em nosso panorama literário. Do mesmo porte, talvez, porém em outro contexto, só Gregório de Matos.

Muito se especula acerca do cientificismo de AA. Adviria ele das leituras precoces de nomes em voga à sua época, como Haeckel, Lamarck? Ou das teorias também impactantes à época do Evolucionismo de Darwin e Spencer? Ou dos pressupostos do Determinismo de Taine? Ou, ainda, do Positivismo cientificista de Auguste Comte? A inexorabilidade do destino humano; a irresistível atração pela morte; a plena consciência da finitude humana; o desespero impotente do ser em face de um destino previsto e imutável; a presença do vazio, do nada; o processo de deteriorização e decomposição da matéria humana; a certeza das incertezas que conferem ao existir a sua identidade; a instabilidade de uma época que buscava se ajustar às mudanças; o verme que, indiferente e cumprindo um ciclo implacável na cadeia da vida, viola e destrói a matéria; a angústia do homem em face de um destino do qual não pode, e nem tampouco tem como fugir, a percepção impotente - mas não menos plena - do sofrimento humano; as dores, as tristezas, as vicissitudes que pontuam a vida, tudo isso junto, aliado à solidão, às neuroses, à infelicidade do poeta,

conferem um tom absolutamente pessoal, original e único a uma das obras mais relevantes já concebida e escrita em língua portuguesa. Independentemente do contexto ideológico, detectável até aos olhares menos atentos, ou da filosofia schopenhauriana que expressa, pondo no centro da cena um pessimismo evidente, o vastíssimo material linguístico de que se utiliza o poeta, primando por uma riqueza vocabular até então inusitada; as combinações metafóricas; a violência do estilo vertido numa extravagância elegante que se apropria do científico, renderiam, indubitavelmente, elementos fundamentais para o pesquisador da área de língua.

Familiaridade e estranhamento no universo poético de AA

Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele busca a si mesmo, ele esgota em si mesmo todos os venenos, para não conservar senão as quintessências. Inefável tortura em que ele tem necessidade de toda a fé, de toda a força sobre-humana, em que ele se torna entre todos o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito e o supremo Sábio! -, pois ele alcança o desconhecido. Porque ele cultivou sua alma, já antes rica, mais do que ninguém! Ele alcança o desconhecido, e quando, louco de paixão, acabaria por perder o entendimento de suas visões, ele as viu.

A Rimbaud, *Sobre a função do poeta*.

Estamos ante uma poesia da negação? Talvez. Mas não se trata, evidentemente, de uma negação inócua. Ao contrário: os traços de melancolia, a descrença, o pessimismo, atestam, expressões de vida, negam as falsas ideologias, denunciam a corrupção, falam da impotência do ser face ao seu destino. Embora a morte e a negação constituam o centro de tudo, a obra de AA, é um grito desesperado que expressa, paradoxalmente, uma pulsão de vida. Os versos, gritos tragicamente angustiados, evidenciam amores frágeis e fúteis, paixões cuja essência é marcada pelo desespero, pela precariedade. No palco da vida, valendo-se das premissas do Expressionismo, "*a matilha espantada dos instintos*" que, "*parodiando saraus cínicos*", mostram o ser em sua fragilidade, em sua falibilidade. Isso tudo, evidentemente, não é novo, ha *bilhões de centrossomos apolínicos / na câmara promíscua do vitellus*, mas, mesmo assim, só resta ao poeta cantar. Resta ao homem testemunhar e denunciar. Paradoxalmente, os binômios se contrapõem inevitáveis: Vida-Instinto *versus*

Vida-Morte, Vida-Expressionismo *versus* Vida-Impressionismo, Vida-Matéria *versus* Vida-Espiritualidade. A presença do corpo, a força dos instintos não saem de cena, na busca tão incessante quanto inútil de um sentido que, de imediato, não se viabiliza minimamente. Vida Expressionismo, porque os aspectos indizíveis do ser se exteriorizam, fazendo emergir fantasmas anônimos e poderosos que regem a conduta humana. Vida Impressionismo, porque, na linguagem metaforizada, que mais sugere do que efetivamente diz, há a constatação da inutilidade, do fracasso, da impotência de tudo, inclusive - e principalmente - do próprio discurso, multifacetado, grandiloquente, metafórico, aproximando-se do grotesco, do alegórico, da caricatura, em imagens inusitadas, desconcertantes (do interior do ser, da vida), que, subvertendo a forma, o convencional, transgredindo a tradição, invariavelmente pegam o leitor de surpresa.

Tudo no estilo do autor se justifica. Em outros termos, nada é gratuito. Tudo tem razão de ser. Aquilo que pretensamente poderia evidenciar uma não-poeticidade se coloca, racional e deliberadamente, a serviço de uma logicidade verossímil que se intui, se constrói e se explicita no interior do texto poético. Primando por uma sonoridade rítmica no mínimo ousada para a época, o poeta, entre a sugestão - uma das premissas capitais do Simbolismo - e a precisão formal - técnica cara ao Parnasianismo -, entre o desvelar da verdade do universo interior do ser - proposta primordial do Realismo - e as transcrições objetivas das mazelas do mundo - reverberações de um Naturalismo em voga -, em um vocabulário hiperbólico, simbólico, paradoxal, mas extremamente existencial, a la Sartre, apropria-se inovadoramente de uma retórica científica que perambula pelos domínios da física, da química, da biologia. A linguagem, sonora e rebuscada, exprime a impotência do ser contra a imutabilidade do seu destino, cujo termo inegável é a morte. Os versos do poeta, angustiados e questionadores, exprimem o asco ante o convencional: traduzem um horror às convenções, de onde emerge uma visão trágica e, quase sempre, mórbida da vida. Tudo em Augusto dos Anjos se faz, se sabe e se quer hiperbólico: desde uma hipersensibilidade muito particular na concepção e apreensão do mundo, como na sua transposição desse universo para materialização da poeticidade textual em termos de linguagem. A visão trágica da existência não impede laivos de lirismo, sempre presentes, ainda que tragicamente.

Simplicidade e sofisticação

Vão-se sonhos nas asas da Descrença,
Voltam sonhos nas asas da Esperança.

Por vezes os versos do poeta, numa concepção primeira, se fazem otimistas, melódicos, quase ingênuos, ritmados. Mas este não é o seu território habitual. A sua poesia é marcada por síncopas inusitadas e difíceis. A dicção dos versos, como que concebidos para a retórica da declamação dramática, obriga-se, na leitura, em qualquer possível interpretação, à lentidão, às paradas, à reflexão.

A Esperança não murcha, ela não cansa,
Também como ela não sucumbe a Crença.

Crença em quê?, perguntamo-nos. Este é um efêmero oásis na vastidão do oceano do discurso conturbado de AA. Parte integrante da vida, a esperança existe. É ela que, apesar de tudo, impulsiona a vida. No entanto, a esperança, pontuando lapsos passageiros da existência, não consegue eximir o ser das próprias angústias, da certeza final que coroa a trajetória humana. Logo a seguir, prosseguindo a leitura do mesmo soneto, a inevitável constatação:

E eu, que vivo atrelado ao desalento,
Também espero o fim do meu tormento,
Na voz da morte a me bradar: descansa!

Na poesia de Augusto dos Anjos, são evidentes os reflexos da vida do poeta. Depois do advento da Psicanálise não há como negar as intromissões das experiências particulares do artista, da individualidade do criador, na concepção e produção da obra de arte. Se, por um lado, as palavras nos traduzem, nos exprimem; por outro, elas, também, nos negam, nos escondem. Mas, mesmo quando, num processo deliberado de escamoteamento, queremos, como sujeitos do discurso, passar despercebidos, ali estamos nós, presentes, latentes, vivos, expostos. O poeta, talvez se expressando através do eu-lírico, se alimenta de descrenças, de dúvidas. Em seu "Soneto do sonho", a pergunta desesperançosa:

Pode ser venturosa a criatura
Que não crê, que não ama e que não sonha?!

Indagação tão banal quanto universal, que pertence à essência da natureza humana. Quem, alguma vez, não se autoquestionou a respeito? A nossa experiência onírica, na vida, nos traduz, nos forma, nos conforma, nos transforma em nossos percursos existenciais. Das experiências passadas emerge o nosso presente. Os *escombros benditos de um Passado* são depositários incontestes das nossas emoções, territórios - que se sabem, por vezes, inadvertidamente implausíveis -, de consulta para a tradução do presente, para a projeção do futuro. Em "Tempos idos", o desabafo:

Não se enterra assim sem compaixão
Os escombros benditos de um Passado!
Ai! não me arranques d'alma este conforto!

O termo Passado (grafado em maiúscula), para além do seu significado semântico imediato, aponta, simbolicamente, para uma metaforização. A perda desse Passado *bendito* implica uma perda de rumo, um desconforto, uma ansiedade. Viver razoavelmente consiste na conciliação do que já se viveu - com toda a carga de emotividade que isso consiste - com as expectativas do que se quer ou se pretende viver.

Em "Versos íntimos", seu soneto mais famoso, a dramaticidade do discurso sacode o nosso marasmo afetivo. O título prepara o leitor para um texto supostamente romântico, apaixonado. Mas, como veremos, toma outros rumos.

Vês? Ninguém assistiu ao formidável enterro da tua última quimera. O poema se abre com uma pergunta, com uma provocação direcionada ao destinatário, no caso, a nós leitores, a nos ouvintes. Estamos irremediavelmente sozinhos, já que *ninguém assistiu* ao enterro das nossas quimeras. Não um enterro qualquer, mas um *formidável enterro*. Ao enterro da quimera, personificada e metaforizada, *somente a ingratição, essa pantera* (também metaforizada e personificada) se fez presente. Não por acaso, a ingratição se associa à pantera, um animal tão belo quanto feroz, se fez a *tua companheira inseparável*.

O verso *Acostuma-te à lama que te espera*, inicia o segundo quarteto. Há uma associação implícita que remete ao texto bíblico: *És pó e ao pó voltarás*. Não há escapatória: se temos que nos acostumar à lama que nos aguarda, estamos todos, como em um beco sem saída, fadados à finitude. Logo, a seguir, vêm, quase didaticamente, as justificativas da afirmação anterior: *O homem que nesta terra miserável / vive entre feras, sente inevitável / necessidade de também ser fera*. O ritmo do poema se constrói em um belíssimo *enjambement*.

Dramática e estrategicamente, o poema propõe uma pausa, pausa como preparação para a ironia que dá sequência ao poema: *Toma um fósforo. Acende o teu cigarro!*. Faça uma pausa, reflita. Fume um cigarrinho!... Trata-se de preâmbulo para a contundência do que vem a seguir. *O beijo, amigo, é a véspera do escarro. / E a mão que afaga é a mesma que apedreja*. Pronto. Eis-nos diante da dualidade humana!. Há uma ruptura entre o antes e o depois do texto. O mesmo ser, capaz de gestos humanos, românticos é, também, o senhor da barbárie, da violência, da ingratidão. Infelizmente somos, como queria Nietzsche, *humanos, demasiadamente humanos...* contraditória e precariamente humanos.

Para finalizar, pondo fim a qualquer expectativa de romantismo, os versos preconizam: *E se alguém causa ainda pena a tua mágoa, / Afasta¹ essa mão vil que te afaga, / Escarra nessa boca que te beija!*

Que dizer disso tudo? A contundência e agressividade dos versos ainda hoje chocam. Vejo ainda, depois da leitura do texto em aulas de Literatura, as expressões de espanto, de nojo, de surpresa com que ainda é recebido. O poema flerta, propondo, talvez, um contraponto interessante, com outro belo soneto: "Dualismo", pertencente ao livro *Tarde*, de Olavo Bilac.

Muitos outros textos de AA mereceriam ser, ainda que minimamente, comentados. O poeta, corajosamente, trouxe para o universo poético, tanto no plano formal, quanto no de conteúdo, propostas inovadoras. Continua atual, instigante, provocador, polêmico. Merece, portanto, ser lido, relido (uma leitura só não basta), debatido, contestado, aplaudido, porém jamais pode ser esquecido.

¹ Em outras edições aparece o termo 'apedreja' no lugar de afasta. Optamos, aqui, pela palavra 'afasta' por considerar que é a ideal para compor a métrica do poema.

REFERÊNCIAS

ANJOS, A. *Eu*. 30^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

BILAC, O. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1997.

MEIRELES, C. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1987.

RIMBAUD, A. "Carta a Demeny, de 15 de maio de 1871. Apud PIERRE, J. *L'Adventure Surréaliste autour d'André Breton*. Filapacchi: E.P.I. 1986.